O REGRESSO DO DR. LANG

S. G. MIRON

Tradução:
AMADEU ANTÓNIO

INTRODUÇÃO

RECOMENDO este livro ao leitor: o autor é alguém que aprendeu o caminho da cura numa escola dura. Estudou medicina ortodoxa. Após uma doença grave, e muitas desilusões com tratamentos, teve a alegria de finalmente experimentar a cura por um curador, e tornou-se inteiro. Tal como o homem do Evangelho que, juntamente com outros nove, foi curado pelo Mestre, voltou para dar graças e quis mostrar a sua gratidão trazendo este dom a outros.

O seu zelo levou-o a um curador bem conhecido, que ele nomeia neste livro, George Chapman.

Antes de me reformar como vigário da Christ Church, Regent's Park, tive o privilégio de trabalhar como sacerdote em várias outras paróquias de Londres e tornei-me familiarizado com o trabalho dos curadores, conhecendo as muitas dificuldades desta obra, mas também algumas das bênçãos. George Chapman permitiu-me gentilmente estar presente para testemunhar doentes a receber tratamento. Permitam-me sublinhar que ele não trabalha para lucro, nem reclama qualquer mérito. Considera-se apenas um servo enviado com o Poder de curar.

O autor deste livro, o Sr. S. G. Miron, explica que o método usado pelo Curador não é realmente antagonista à medicina ortodoxa, mas, quando bem compreendido, pode ser útil, e acabará por se revelar científico. O tema necessita de investigação cuidadosa e está a atrair muito interesse no mundo de hoje.

Se ler este livro sem preconceito, verá que é estimulante para a reflexão. Termina numa nota de esperança: a ortodoxia e a heterodoxia poderão finalmente cooperar nesta obra abençoada em benefício da humanidade.

WILLIAM V. C. ROSE (Reverendo).
York Chambers,
23 York Street,
Twickenham, Middlesex.

PRÓLOGO

AO ler o manuscrito deste livro pela primeira vez, duas impressões ficaram indeléveis na minha mente: em primeiro lugar, a forma magistral como o autor se contém ao apresentar os factos relativos aos curados, quando tantos outros casos adicionais poderiam ter sido facilmente descritos. Uma visita a St. Brides, Aylesbury, para interrogar os doentes e auxiliares reunidos, e ao mesmo tempo um olhar sobre os registos, tornariam perfeitamente claro o que quero dizer. Em segundo lugar, a coragem do Sr. Miron em tornar pública a sua experiência e o seu conhecimento sobre cura espiritual, pois mesmo nesta chamada era esclarecida, não é fácil, especialmente para um homem da sua formação, ser inteiramente franco sobre tais assuntos. De facto, nenhuma alma, consciente ou não, poderia ter cumprido mais plenamente os preceitos de Cristo, como estão em Mateus 16:24: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.”

Infelizmente, há hoje demasiados que, tendo provado por si próprios a realidade do poder do Espírito, preferem esconder-se sob o manto do anonimato e nada fazem, porque julgam ser mais conveniente assim. Deste modo, não apenas prejudicam o seu próprio crescimento espiritual, mas, mais grave ainda, falham para com Deus e para com os seus semelhantes. Graças a Deus o autor teve a coragem de nos confiar o seu saber sobre o impacto que os mortos vivos, sob Deus, estão a ter hoje no nosso plano terreno.

Quanto ao médium, o Sr. George Chapman, é indubitavelmente um dos mais dotados sensitivos do nosso tempo e, embora viva uma vida perfeitamente normal, felizmente casado, com dois filhos adoráveis, dedica quase todo o seu tempo a ser o instrumento através do qual o Dr. Lang pode continuar, a partir do mundo espiritual, a sua missão terrena de curar os doentes. O apelo de Cristo em Mateus 10:8 tem sido bem atendido:

“Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demónios: de graça recebestes, de graça dai.” Será demasiado esperar que inúmeros outros façam o mesmo, de modo que, em breve, novos centros de cura surjam em número crescente por todo o universo? Seja qual for a nossa condição de vida, a nossa cor, classe ou credo, cada um é importante neste plano divino. Podemos descobrir por nós mesmos a nossa parte especial. Há muitos bons médiuns, de verdadeiro valor

espiritual, dispostos a ajudar-nos nisto. Uma coisa é certa: a Comunhão dos Santos está pronta a cooperar e não devemos mais virar-lhe as costas. A humanidade sofredora clama pela nossa ajuda, e agora, não podemos falhar.

As pessoas mencionadas neste livro dedicaram tudo o que são e têm a Deus. Descobriram que Ele é uma Força viva e vital, e nós também o descobriremos, se ainda não o fizemos. Mas é preciso coragem. Que o Grande Arquiteto do Universo abençoe este livro e o use para Sua honra e glória.

THOMAS PORTEOUS BOLTON,
B.ARCH., F.R.I.B.A., DIP. C.D.(L'POOL), A.M.T.P.I., M.R.S.H.

PREFÁCIO

TENHO muitos conhecidos, mas poucas pessoas em quem posso contar como verdadeiros amigos.

Este livro é dedicado a duas pessoas que são amigos muito próximos e queridos: o Dr. William Lang e o Sr. George Chapman.

Sinto-me profundamente honrado que duas almas assim me incluam na sua órbita de amizade.

Banbury, 1957.
S. G. MIRON

CAPÍTULO I

DEIXEM-ME dizer, desde já, que me pediram para escrever este livro. Não procuro imitar um romancista contemporâneo, e o que aqui leem é verdade, não ficção.

Um conjunto de acontecimentos que, no momento, parecem sem sentido e estúpidos, muitas vezes, vistos em retrospetiva, formam um padrão definido, necessário para produzir certo acontecimento.

A lei eterna de causa e efeito está em operação perpétua e controla as vidas de todos nós.

Não tenho especial desejo de parecer místico ou metafísico, mas, como creio que disse Gautama Buda — ainda que certamente não nestas

palavras — religião, filosofia, ciência e metafísica são indivisíveis e fazem todas parte do plano universal.

Espero que me perdoe a pobre forma de representar os seus ensinamentos.

Não há muitos anos, a simples menção da palavra “Espiritismo” evocaria a imagem de senhoras solteiras, de preto, com colares de azeviche, sentadas em volta de uma mesa numa sala mobilada ao estilo vitoriano — no pior dos casos, com tábuas ouija e ninharias misturadas com resguardos de poltronas — pobres criaturas.

Não vou dizer-vos que vi a luz ou que, de repente, me tornei um santo dos tempos modernos, mas tentarei contar-vos o que mudou a minha visão e crenças — ou melhor, o que me deu uma crença, de todo.

Sou, por nascimento, judeu. Nunca tive inclinação por essa religião, nem, de facto, por qualquer outra. Francamente, todas me irritavam, por parecerem irracionais.

Devo mencionar que venho de uma família de profissionais: médicos, dentistas e sim — até um ou outro advogado, creio — sem esquecer um primo que parece ser um cirurgião de sucesso. Eu próprio exerço uma profissão, não a advocacia, pois sou rebelde por natureza, mas quero sublinhar que tive uma formação científica ortodoxa, martelada em mim durante longos anos.

Assim, a imagem que tinham de mim era a de um profissional cientificamente treinado, de natureza bastante materialista, provavelmente herdada dos meus antepassados.

A história começa verdadeiramente em 1943, quando exercia a minha profissão no exército. Foi então que conheci a rapariga que, após muitas vicissitudes, viria a tornar-se minha mulher. Não era judia, diga-se, e, se me é permitido dizer, uma jovem muito atraente, alta, graciosa e encantadora.

Terminada a guerra, casámo-nos, depois de muitas vicissitudes, como já disse. Não foram o fim dos meus problemas, mas sim o princípio. Adoeci, com uma maleita cuja causa nunca foi diagnosticada pelos médicos — e fui visto por homens de grande mérito, especialistas de primeira classe nas suas áreas.

Apenas um, um homem muito eminente em Londres, por quem tenho o mais profundo respeito e afeto, chegou perto de diagnosticar a

verdadeira causa, admitindo, contudo, que era apenas uma “impressão”, uma “sensação”, sem qualquer prova clínica.

Assim permaneci doente, até que, por desejo da minha mulher — cuja coragem e fé foram o único sustento que tive — acabei por concordar em consultar um médium curador em Londres.

Foi a primeira vez que tive qualquer indício de que a minha esposa estava interessada, ou acreditava, nesse tipo de coisa. Nunca o mencionara, talvez porque sabia qual seria a minha reação.

Toda a minha educação, formação profissional e visão geral do mundo faziam de tal ideia algo anátema para mim.

Porque consenti em ir? Devia muito à minha mulher pela forma como me sustentara. Fui para retribuir essa dívida, para lhe agradar.

Fui visto por essa médium curadora, uma senhora. O meu problema foi diagnosticado e recebi um tratamento — notem bem, apenas uma única vez.

Não aceitei o diagnóstico, que me pareceu manifestamente ridículo. Não me senti melhor, antes pior, e, três meses mais tarde, fui consultar o meu médico e amigo em Londres.

Soube depois que ele, em privado, dissera à minha esposa que, se as coisas permanecessem iguais por mais um mês, encaminhar-me-ia para um neurocirurgião com quem já discutira o meu caso, para uma operação bastante arriscada, na possível esperança de conseguir uma cura. Mas sublinhou: “Era apenas uma possibilidade.”

Eu nada soube desse pequeno tête-à-tête entre a minha mulher e o especialista.
O acordo era um prazo limite: dentro de um mês seria tomada a decisão final.

Na noite anterior à consulta, ocorreu uma mudança no meu corpo. Não posso dizer exatamente o que me aconteceu, mas aconteceu algo! Senti-me bastante menos doente e um pouco atordoado.

No dia seguinte viajei para Londres para a minha consulta em Devonshire Place. O meu médico examinou-me e, após a habitual série de perguntas, declarou estar bastante satisfeito, pois julgava notar uma melhoria no meu estado.

Pediu então para falar a sós com a minha esposa por um momento. Suponho que eu ainda estivesse um pouco atordoado, caso contrário teria exigido saber o que se passava nas minhas costas.

As suas palavras para ela, como vim a saber mais tarde, foram: “Algo aconteceu, ele mudou. Não consigo precisar o quê, mas está melhor, muito melhor.”

Creio que foi algo que ele sentiu, mais do que diagnosticou clinicamente. Tinha um grande faro, um dom para pressentir coisas antes de produzir os factos científicos que as provavam.

Manteve-me sob observação, e, uma vez por mês, durante quatro meses, fiz a viagem para o visitar.
Nesse período senti-me cada vez melhor e, na quarta consulta, deixou-me em liberdade, com reservas — um novo exame a fazer dentro de três meses.

A visita fez-se, e todos estavam felizes e satisfeitos.

O que me curou? Não foram os medicamentos. Já tinha sido retirado de todos eles algum tempo antes da ida ao médium.
Tantas foram as injeções que parecia uma almofada de alfinetes humana, e tantas as pílulas que era uma farmacopéia ambulante.

Portanto, não foram os fármacos. “Cura pela fé?” Bem, se foi, a fé não partiu de mim. Teria sido o meu subconsciente a querer convencer-me de que estava curado, apesar de a minha consciência dizer “isto é treta”? Teria sido alguma reação psicológica oculta, acionada pela mente subconsciente, que desencadeou um mecanismo capaz de alterar e corrigir o equilíbrio fisiológico do meu corpo, restituindo-me a saúde?

Perguntei-me estas questões óbvias vezes sem conta. Quanto mais pensava, mais tinha de confessar que definitivamente não era assim. Debati longamente o assunto com o meu médico em Londres. Ao longo dos anos, tinha gasto muitas idas a Devonshire Place, e tínhamos uma estima mútua. Eventualmente, contei-lhe a história completa da minha cura. Ele, naturalmente, foi cauteloso, mas como disse: “O principal é que está bem.” Mantemos ainda hoje o contacto.

Passaram-se cinco anos desde a minha cura, e agora percebo que, embora fosse de grande importância ter recuperado a saúde, ainda mais importante foi o modo e a razão por que tal aconteceu.

Naturalmente, despertei interesse pela cura, sob um ponto de vista científico, e nestes últimos cinco anos tive a sorte de contactar com este "fenómeno", se assim lhe quiserem chamar, e de ver em ação alguns excelentes médiuns curadores, bem como os resultados do seu trabalho em vários campos da medicina.

A única coisa que aprendi é esta: há muitas formas de cura, mas toda a cura, seja como for e através de quem for realizada, deriva o seu poder da mesma Fonte central.
Disto não haja dúvidas.

CAPÍTULO II

Parece existir entre muitas pessoas de fé cristã a ideia de que as curas dos doentes podem ser, e às vezes são, efetuadas por sacerdotes ordenados, pelo que chamam de "imposição das mãos". Como não sou cristão, não percebo porque há de ser um sacerdote cristão o portador desse poder, e porque não poderiam tais curas ser realizadas por sacerdotes de outras religiões. É possível que sim, que possam, mas não tenho forma de o saber. No entanto, sinto que receber ordens sagradas não torna um homem necessariamente santo, nem lhe confere dons especiais.

Assim, a conclusão a que se chega é que os dons concedidos por Deus aos seres humanos não estão especialmente reservados aos sacerdotes ordenados, seja qual for a religião que sirvam.

O corporativismo e o "closed shop" são tão antigos como a própria humanidade. O médium ou feiticeiro da Idade da Pedra, ou seja como se lhe queira chamar, foi provavelmente o precursor dessas bênçãos da civilização moderna, seguidos pelos sacerdotes das primeiras civilizações conhecidas — Suméria, Egito, Babilónia e Índia. Pode muito bem ter havido outras civilizações perdidas antes destas, mas nada sabemos delas até agora.

As ideias restritivas do corporativismo e do "closed shop" continuam bem presentes nas profissões, especialmente na medicina, e, claro, nas religiões altamente organizadas do mundo, com uma ou duas exceções.

De algum modo não creio que o Criador do universo esteja sujeito a essas práticas restritivas, e por isso o dom de curar — isto é, a capacidade de transmitir forças de cura — está ao alcance de pessoas de todos os credos, raças e tipos. Quanto maior a espiritualidade do

curador, maiores os poderes de cura que consegue transmitir. A espiritualidade nada tem que ver com religiões ortodoxas. Um nativo "incivilizado" (pelos nossos padrões), do coração de África, pode possuir muito mais espiritualidade genuína do que um arcebispo de paramentos roxos. Eu próprio não gosto de lugares de culto feitos pelo homem.

Sinto-me mais próximo das forças que me criaram no cimo de uma montanha do que na mais impressionante das catedrais construídas. Admiro e respeito a Catedral de Cantuária, a magnificência de Chartres, e impressiona-me a Mesquita de Omar, mas não tenho qualquer desejo de adorar neles. Não sinto necessidade de cenários para rezar, nem eles tornam as minhas orações mais sinceras ou sentidas. Talvez os humanos, sendo gregários por natureza, sintam a necessidade de se reunir em massa para adorar.

A minha cura foi feita através de uma senhora muito agradável e bem-humorada, dotada de grande sentido de humor e de proporção. É a Sra. Nan Mackenzie, uma médium curadora bem conhecida, que, através do seu guia espiritual de cura, curou centenas, talvez milhares, de pessoas.

Falemos do seu guia de cura. O nome que assumiu para esse fim é *Running Water* (Água Corrente). Mas, como disse Shakespeare, "What's in a name?" (Que importa o nome?) O nome verdadeiro que possui agora não o sei. Não me cabe perguntar, nem o faria, mesmo que pudesse. Talvez isto não seja fácil de entender, mas a menos que alguém tenha tido contacto com um espírito tão elevado, não poderá compreender. O que existe entre ele e mim é demasiado íntimo para ser posto em papel. Há coisas que só se podem sentir, nunca escrever. São essas as que mais importam.

Fui informado de que, em criança, tinha caído e batido com a cabeça. De facto, aos seis anos sofri uma queda. Dessa queda resultara uma pressão no cérebro que era a causa central da minha doença. Essa pressão foi removida por Running Water. A minha recuperação foi gradual, ao longo de cerca de seis meses, como já referi.

Um milagre? Psicológico? Impossível? Escolham, meus amigos. Quanto a mim, estou são, por isso pensem o que quiserem. O facto essencial é que, na altura, considerei tudo um disparate, o que prova que fui tão tolo como qualquer outro. Para ser mais benevolente comigo mesmo, digamos que tentei reduzir a conceção, o saber e os poderes do Universo para caberem na minha mente frágil, estreita e pouco

desenvolvida. Uma mente típica do século XX, com todos os benefícios da educação moderna, da Universidade e da Faculdade de Medicina.

É tudo uma questão de grau. Eu era tão ignorante e incapaz de apreender as enormes verdades do universo quanto um pigmeu Bangwamato do Congo Central poderia compreender a teoria do espaço-tempo de Einstein, ou até um problema relativamente simples de trigonometria. Descobri que as grandes verdades universais são mais simples do que os mais simples problemas de trigonometria — e, para mim, são muito mais reais. Elas vivem.

Aquilo a que o Ocidente chama acaso, e o Oriente destino, parece desempenhar um papel predominante na formação das nossas vidas. Perguntei-me muitas vezes sobre esse elemento, e se será realmente "acaso" ou um padrão pré-ordenado. Talvez seja um, talvez o outro, talvez uma mistura de ambos, coexistindo. A minha vida, por certo, parece ter sido moldada por determinados acontecimentos casuais — se não foram pré-ordenados.

Um colega de profissão, com quem trabalhei, foi atacado por uma doença cuja causa e cura são ainda hoje completamente desconhecidas da ciência médica. Na tentativa de o ajudar em tudo o que fosse possível, a minha mulher procurou um médium curador que vivesse na sua região e que aceitasse visitá-lo em casa, pois ele não estava suficientemente bem para viajar. Foi assim que entrei em contacto com George Chapman, um jovem que se desenvolvia como um médium curador muito poderoso.

O seu guia espiritual de cura é o Dr. Lang que, como descobrimos por investigação e verificação cuidadosa, fora cirurgião oftálmico no Middlesex Hospital e no London Eye Hospital. Li o seu obituário numa antiga edição do *British Medical Journal*, algum tempo depois de ter tido o primeiro contacto com ele.

É a pedido do Dr. Lang que escrevo este livro — e acreditem que, não fosse esse pedido, nunca me teria dado ao trabalho de pegar numa caneta, nem talvez tivesse conseguido. Quando me informaram da ideia, não fiquei entusiasmado, pois não via como aquilo que tinha a dizer poderia interessar ou ser aceite por pessoas que nunca me tinham sequer visto, especialmente porque, na verdade, não me importava nada com o que o público pensava destas matérias. O Dr. Lang e outros, no entanto, parecem ver as coisas de modo diferente, e eu contentei-me em obedecer.

Tenho enorme afeto pelo Dr. Lang e a maior admiração e carinho por George Chapman — tanto como homem quanto como médium curador. Foi o Dr. Lang quem realizou uma operação cirúrgica de primeira ordem à minha mulher, que sofria de um antro perfurado após a extração de um dente.

Antes disso, porém, tinha-a levado a um hospital conceituado, onde tentaram fechar a perfuração — bastante extensa — suturando tecido mole sobre ela. O procedimento falhou, pois o tecido rompeu, e recomendaram nova operação para fechar a abertura por cirurgia plástica. Não entrarei em jargão técnico, mas significava retirar tecido da parte interna da bochecha e enxertá-lo sobre a abertura para o antro — um processo desagradável e de grande complexidade.

Depois de falar com o cirurgião plástico e de organizar a hospitalização, ocorreu-me de repente: “Porque não pedir ao Dr. Lang que fizesse algo, ou pelo menos desse algum conselho?”

Pois bem, o Dr. Lang fez algo. Tratou a minha esposa e informou-a de que já não seria necessária a operação, e que a ferida cicatrizaria sem mais intervenção. Assim aconteceu.

Na minha opinião, se tivesse visto qualquer doente com uma condição semelhante à da minha esposa, tê-lo-ia encaminhado sem hesitar para cirurgia plástica — o que mostra quanto sei eu, na verdade! Perguntam-se, então, porque escrevo ao ser-me ordenado pelo Dr. Lang? Escrevo porque me é pedido.

Assim entraram na minha vida George Chapman e o Dr. Lang, e fazem agora parte dela. Vedes a dívida que tenho para com estes dois magníficos guias de cura, Running Water e o Dr. Lang, e para com os seus médiuns, a Sra. Mackenzie e George Chapman. Nunca conheci duas pessoas mais modestas, simples, altruístas e genuínas. Sendo algo cínico, sou muito lento em confiar nos meus semelhantes, e sinto que as pessoas genuínas são raríssimas, e ainda mais raras as altruístas. Mas, por estes dois, eu desafiaria o próprio Diabo — e não sou tipo de herói.

CAPÍTULO III

QUERO iniciar este capítulo com um excerto do *New England Journal of Medicine*, retirado do Editorial sobre mortes extraordinárias e curas maravilhosas.

Cito:
“Só as crianças e os filósofos parecem interessar-se em saber porque é que as coisas comuns são, em vez de não serem. O resto da humanidade está demasiado ocupado com os seus pequenos e reais assuntos para dar ouvidos às suas perguntas metafísicas ou às da natureza.

“Não apenas mortes extraordinárias e curas maravilhosas, mas todas as situações dos doentes, sejam horríveis ou agradáveis, vistas de forma atenta ou distante, geram uma viva consciência do mistério no coração do ser e emprestam devoção à tradicional confissão de fé. Nós tratamos a ferida, Deus cura-a.”

Curar significa sarar, restituir a sanidade, restaurar a harmonia do corpo e da mente. Todos sabemos isso. O que não parece ser universalmente conhecido é que existem muitos tipos e métodos de cura, e que os métodos da medicina e da cirurgia praticados pelos homens constituem apenas um deles.

Lembrem-se: curar é sarar, não apenas atenuar ou aliviar temporariamente uma doença. A administração de insulina não cura a diabetes, apenas a controla; e nisso cumpre um grande propósito e foi uma grande descoberta — mas não cura. As doenças que podem ser mantidas sob controlo razoável com fármacos são legião. As que podem ser completamente curadas apenas por medicamentos são poucas. O bisturi do cirurgião muitas vezes cura, mas também muitas vezes falha. Não há desmérito nestas falhas.

O homem só sabe o que sabe, e apenas age à luz do conhecimento que adquiriu. Muitas coisas que usamos diariamente permanecem indefinidas e a sua origem desconhecida. A eletricidade é apenas uma delas; depois de mais de meio século de uso comum, ninguém a consegue definir nem provar de onde vem — é apenas um dos muitos fatores desconhecidos presentes no universo.

A medicina ortodoxa — uso propositadamente a palavra ortodoxa — é uma forma de cura praticada estritamente de acordo com as crenças e doutrinas aceites no momento. O que era considerado heterodoxo há

apenas três ou quatro gerações é hoje considerado perfeitamente natural. Por exemplo, a psiquiatria, tida por grande parte da profissão médica, não há muito tempo, como charlatanice e superstição, é agora considerada uma das mais importantes especialidades médicas. O grande Pasteur foi ele próprio tido por charlatão louco pelos doutos do seu tempo.

Vivemos e aprendemos — alguns de nós, às vezes.

Poderia prolongar-me neste tom por muito tempo, mas não vale a pena. Considero a medicina ortodoxa como um ramo da cura, mas devo deixar claro que a coloco bem abaixo na árvore da cura. No topo da árvore, acima de tudo, está a Cura Espiritual, seja através de um guia espiritual por via de um médium, seja diretamente da fonte do universo, que alguns chamam Deus em muitas línguas, e que outros (para não parecerem antiquados) chamam Poder Cósmico, entre muitas outras variações.

Uma rosa, com qualquer outro nome, continua a ser uma rosa, e H_2O continua a ser água — assim me dizem.

Tal como um raio infravermelho alivia tecidos musculares inflamados e congestionados ao estimular o fornecimento de sangue à zona afetada, também os raios cósmicos desconhecidos, quando aplicados sobre corpos e mentes doentes, produzem cura pelo contacto e penetração. E lembrem-se deste ponto essencial: o homem NÃO é apenas um corpo físico, um pedaço de carne e um amontoado de fluidos, animado por células nervosas controladas por um quadro automático chamado cérebro. Possui, entre outros atributos não físicos, algo intangível chamado mente, que o dicionário define como o princípio espiritual da alma no homem.

A cura espiritual trata corpo e mente como um todo — como, de facto, são. Nos últimos quinze anos, a introdução da medicina psicossomática mostrou que este grande fator finalmente despontou para a ciência. Contudo, pode-se conhecer algo sem o compreender. Isto pode resumir-se ao velho dilema: o que veio primeiro, o ovo ou a galinha? Terá o homem uma alma antes de ter corpo, ou corpo antes da alma, ou surgem ambos ao mesmo tempo, como um ovo já com pintainho dentro, vindo do nada?

Os homens e mulheres através de quem esta forma de cura ocorre são pessoas comuns, que desenvolveram o dom inato dessa classe de mediunidade para se tornarem canais dos guias espirituais com o propósito de curar. Esses médiuns variam em personalidade como

qualquer pessoa, pois afinal são apenas gente comum. Podem ser tolos ou intelectuais, ignorantes ou instruídos, de qualquer credo ou cor. Devo dizer que os que conheci eram de grande espiritualidade, mas isso não é condição necessária. Mas lembrem-se sempre: os médiuns são apenas canais de transmissão da cura a partir de outro nível de existência. Seria bom que alguns compreendessem realmente este facto. Pode-se saber algo sem verdadeiramente o apreciar.

Na Cura Magnética, o médium curador não é diretamente controlado como na Cura Espiritual direta. Neste caso, o médium — que pode não possuir quaisquer dons psíquicos reconhecíveis — é capaz de absorver o poder sempre presente no universo e transmiti-lo, dirigindo-o conscientemente para a pessoa a ser curada. Aqui, o médium atua como condutor e íman dos átomos invisíveis de poder que irradiam em torno de todos nós. Ele recolhe e direciona essa força. A fonte última desse poder é a mesma tanto na Cura Espiritual como na Magnética. Na verdade, é a mesma em todos os ramos da cura.

A cura pelas cores, praticada pelos antigos, também funciona por variações de vibração. Cada cor tem uma taxa de vibração diferente. Existem muitas cores fora do espectro visível que não podemos ver. O olho humano funciona apenas dentro de uma faixa relativamente estreita de vibrações. Os raios ultravioleta e infravermelhos são dois exemplos de raios de cor fora do espectro, apenas descobertos pelo homem relativamente há pouco tempo. Existem muitos outros ainda desconhecidos da ciência ortodoxa.

Todos os seres vivos são rodeados por um campo eletromagnético de energia. Estas radiações podem ser vistas como ondas de cor em torno do corpo vivo e são coletivamente conhecidas como aura. A aura humana foi demonstrada e fotografada pelo Dr. Kilner em 1913. Pode ser vista por pessoas com faculdades psíquicas desenvolvidas. Num doente, a aura está quebrada e enfraquecida, especialmente junto da parte afetada. As vibrações do campo eletromagnético desse indivíduo sofrem uma alteração e já não vibram na frequência adequada.

O diagnóstico e a correção dessas desarmonias, reveladas pelas mudanças na aura, constituem o que se chama cura pelas cores. Contudo, é duvidoso que seja um método autónomo de cura, sendo antes parte da cura espiritual e magnética.

É necessário ter presente que toda a cura se realiza, em qualquer caso, através do corpo etérico ou espiritual do homem, e daí afeta o corpo físico.

De tempos a tempos, nos jornais diários ou nas revistas ilustradas, um repórter pressionado por um editor frenético a descobrir algo sensacional, ou a preencher um espaço vazio, produz aquilo que, por razões só conhecidas dele, chama “Cura pela Fé”. Sempre me perguntei: será que alguma fé específica é mencionada? Em quem se deposita a fé? Quem tem a fé, o curador ou o paciente, ou ambos?

Toda oração sincera ajuda. Mas uma pessoa pode ter enorme fé num determinado médico ou cirurgião e ainda assim morrer da doença de que está a ser tratada. Como, então, alguém pode ser curado apenas pela fé? Talvez os que usam o termo “Cura pela Fé” o possam explicar. Eu não consigo. Eu próprio recebi cura, mas posso garantir-vos que, na altura, não tinha fé absolutamente nenhuma. A fé veio depois, quando me vi curado.

As Igrejas falam ocasionalmente de Cura Divina, mas como todo o poder de cura emana do Criador Universal, presumo que se referem a um tipo especial de cura, distribuído apenas por ministros ordenados da fé cristã. Parece-me, então, uma infelicidade cruel para cerca de quatrocentos milhões de chineses — sem falar dos restantes povos não-cristãos da Terra. No entanto, como as Igrejas ainda não patentearam as Forças Vitais Universais, continuo a sentir que tenho hipótese de ser curado por um curador hindu ou budista.

Gostaria agora de mencionar outro tipo de cura que deveria deleitar o coração científico e ter grande apelo para o homem contemporâneo: a Radiónica. Este é um tratamento através de um instrumento material, e a ciência ou arte desse tratamento chama-se Radiestesia. O obstáculo para o cientista é que, quando desmonta o aparelho, continua sem ver o que o faz funcionar — mas, muitas vezes, funciona, e não por automatismo.

A radiestesia atua na correção das frequências do campo eletromagnético do corpo humano, quando essas frequências ou vibrações saíram da harmonia devido à doença. O aparelho obtém a sua força das energias universais. Gostaria de citar um homem que faz trabalho pioneiro neste campo. Ele diz:

“No padrão universal existe uma força que, ao completar o seu circuito, realiza a existência universal — uma força vital. É um fluxo elétrico entre

átomos. As frequências são as taxas parciais de impulsos, sendo essa força elétrica a que mantém os átomos unidos em padrões específicos. (Creio que os sábios hindus chamam a esta força *Prana*, a Força Vital — S.G.M.) Estas frequências têm um número ilimitado de variações, e cada variação tem um propósito particular. Cada ser vivo tem a sua frequência própria de vibração. (Conseguem ver a ligação aqui — S.G.M.)

“Resumidamente, o aparelho é uma forma de circuito elétrico, que extrai a sua força básica ao estar ligado à terra, utilizando a eletricidade natural básica e, através de resistências no circuito, as frequências podem ser alteradas.

“A teoria do diagnóstico e do tratamento baseia-se no facto de que a gota de sangue retirada como amostra de uma pessoa ou animal contém o padrão original do átomo. As células conhecidas como eritrócitos, alojadas nos ossos chatos do corpo, revelaram ter a mesma frequência de vibração. Esta frequência é a onda fundamental pela qual uma pessoa pode ser contactada. O padrão atómico dos grupos de células do corpo possui uma frequência particular e, com as mudanças de frequência provocadas pela doença, há uma alteração no padrão atómico da parte afetada. Assim, a parte doente fica em desarmonia com o resto do corpo.

“A função do tratamento é a correção da frequência das células do corpo que estão em desarmonia com as restantes células, e o restabelecimento do padrão atómico correto, aliviando assim a doença.”

O circuito completo parece ser eletricidade natural, captada da atmosfera através da terra, passando pela gota de sangue até ao paciente, colocando o seu circuito elétrico em harmonia com o universo. Pelo menos, é assim que o entendo. Parece que tudo o que seria preciso é obter uma gota de sangue do paciente, colocá-la no aparelho, rodar os botões, observar os mostradores e — *hey presto*.

Contudo, pelo que sei deste tratamento, não funciona exatamente assim. Com duas pessoas diferentes a usar o mesmo aparelho, uma pode produzir grande melhoria no estado do paciente, e a outra muito pouca ou nenhuma. Ninguém ofereceu ainda explicação para isto. Existem vários tipos destes aparelhos em uso neste país, em França, nos Estados Unidos e na Alemanha, mas uma resposta clara sobre porque é que os resultados obtidos num determinado modelo parecem variar consoante o operador ainda não foi dada.

Acredito que essas variações dependem do poder psíquico e natural de cura dos operadores. Assim como dois condutores conseguem

desempenhos diferentes de um automóvel, ou dois pianistas conseguem resultados diferentes de um piano pela diferença de toque, também os operadores de aparelhos radiónicos obtêm resultados diversos.

Portanto, voltamos ao princípio: as forças de cura, forças vitais, forças elétricas, forças energéticas — chamem-lhes o que quiserem — estão presentes no universo. A sua captação e direção podem realizar-se por meios variados, mas sempre — e repito, sempre — é essencial um médium vivo neste plano terreno para atuar como instrumento recetor, em primeiro lugar.

Com a maior humildade digo: Deus, ou a Força Vital Universal — seja qual for o termo que prefiram — é a estação emissora; o médium é o recetor; o paciente é o ouvinte; e os artistas que utilizam a força da estação são muitos e variados. Não recebem o mesmo programa repetido indefinidamente na rádio ou televisão, mas a energia que transmite esses programas permanece sempre a mesma.

Alguns cientistas, espalhados por diversos países, descobriram a existência do átomo e, mais tarde, outros descobriram que certas coisas podiam ser feitas com átomos. Dependendo de como se usam ou abusam dessas forças, pode-se explodir a si mesmo — ou cozinhar um bife.

O que os cientistas atómicos parecem não saber — ou, se algum souber, não o publicaria, mesmo que lhe fosse permitido — é que a energia básica dos átomos, dos quais o universo é composto, constitui a força vital fundamental de toda a matéria viva, e que não têm a mais vaga ideia de onde provém ou o que realmente significa. Creio que, se estudarem o tema, descobrirão que alguns homens, ao longo dos séculos, puderam, e de facto souberam, compreender estas coisas à sua maneira e, indo alguns passos além, usaram essas Forças Vitais para curar os doentes. Não há realmente nada de novo debaixo do sol — apenas a sua aplicação.

Dizem-nos que esta é a era da ciência, da razão e da lógica. É necessário apresentar provas científicas e lógicas para tudo. O facto seria aceitável se o mundo fosse composto por pessoas lógicas e racionais. Um estudo dos assuntos mundiais, e do comportamento social, sobretudo nas nações com civilizações técnicas mais avançadas, leva a pensar que, no geral, não lidamos com pessoas racionais. Quando cantores melódicos e estrelas de cinema são considerados, pelo menos

financeiramente, muito mais importantes do que estadistas e grandes pensadores — chamariam isso o resultado da lógica e da razão?

A mente do homem comum impressiona-se com o termo ciência, sem provavelmente saber o que ele significa. Procurem no dicionário e verão: ciência é conhecimento, conhecimento sistematizado de modo a poder ser aplicado. Engloba todas as formas de saber, afirmando-se que existem ciências terrestres e ciências celestes. Mas, infelizmente, o homem comum não percebe isto.

A sua mentalidade parece funcionar segundo a regra: quanto maior a seringa, mais eficaz o medicamento. Cientistas técnicos e físicos elaboram teorias e depois procuram prová-las; muitas vezes conseguem, muitas vezes não. Os cientistas eminentes do seu tempo disseram que os irmãos Wright eram loucos ao sugerirem que a sua máquina mais pesada que o ar poderia voar. Provaram teoricamente que não podia. Os Wright voaram — e agora os cientistas falam de viagens espaciais e de colonizar a Lua.

Passámos da molécula ao átomo, mas não foi assim há tanto tempo que os físicos “provaram” que a molécula era a mais pequena partícula da matéria viva.

Progredimos por vezes apesar de nós mesmos, e a prova de ontem é refutada hoje. Isto aplica-se a tudo. Por isso, quando pedirem uma prova absoluta, tenham cautela. O problema surge ao passar do físico para o metafísico. Como provar algo que não se pode reduzir a propriedades físicas?

Tudo depende da mente individual com que se lida. Por exemplo: tentar provar a velocidade da luz a um bosquímano do deserto do Kalahari seria uma tarefa dificílima. Não porque ele fosse estúpido — de facto, poderia ensinar bastante aos produtos da civilização ocidental —, mas porque a sua mente funciona de outra forma e a sua visão fundamental é totalmente diferente. Essa visão foi moldada pelas circunstâncias da sua vida, assim como a do homem tecnicamente civilizado. Mudem essa visão, se conseguirem, e a mente do bosquímano, com uma educação razoável desde a juventude, saberá tanto sobre a velocidade da luz quanto o homem médio.

Por outro lado, larguem um dos nossos principais matemáticos ou cientistas atómicos no deserto do Kalahari e vejam como se safa. Provavelmente morrerá de fome em pouco tempo. Mas, se fosse

suficientemente jovem, não tenho dúvidas de que o bosquímano lhe poderia ensinar a caçar e a sobreviver nesse deserto.

Parece, portanto, que existem muitos tipos de conhecimento e que, quando uma mente, por mais brilhante que seja na sua esfera particular, é retirada desse campo e colocada noutro completamente diferente, o seu brilho já não resplandece com a mesma intensidade.

Assim, não procuro provar a existência da cura espiritual e de outras formas de cura. Contento-me em apresentar aquilo que considero factos — e se aceitam ou rejeitam, pouco me importa. Também não pretendo desvalorizar as conquistas genuínas da ciência, nem apresentar-me como místico ou profeta, a falar de cima para os meus semelhantes.

Recuso a afirmação tantas vezes repetida de que ciência e razão andam de mãos dadas. Não andam — e penso que a maioria das pessoas que tentam raciocinar as coisas também sente que não andam. A fé cega em qualquer coisa conduz frequentemente à intolerância; prefiro uma fé que não seja cega. Detesto a hipocrisia e o embuste, a intolerância e a mentira, e prefiro avaliar os meus semelhantes pelo que realmente são, do que pela cor da pele, pelas suas políticas, pela sua posição material e social, ou pelo brilho aparente das suas mentes. Assim, podem discordar violentamente de tudo o que escrevi — e ainda assim continuar a ser meus bons amigos.

A cura espiritual e todas as chamadas formas não ortodoxas de cura não são um remédio universal. Nem sempre curam, e por vezes parecem curar apenas para a recaída surgir mais tarde. Existem muitas razões para que isto aconteça, e não pretendo conhecer todas as respostas. Mas, a bem dizer, também os praticantes da medicina “ortodoxa” não as conhecem — e ninguém sensato espera que o saibam. É verdade que a ignorância não constitui crime ou ofensa perante Deus ou o homem, mas a intolerância sim.

A intolerância significa uma mente rígida, estreita e egoísta nos seus conceitos, e desprovida das qualidades essenciais necessárias para elevar a humanidade a um nível mais alto de ser — por mais brilhante que essa mente possa ser numa esfera particular.

Se desejarmos considerar o nascimento e o crescimento de todos os seres vivos — pessoas, animais, insetos, plantas e árvores — como milagres, ou como projetos de uma mente universal ou Força Vital, então também devemos considerar os fenómenos da cura da mesma maneira.

Não é necessário compreender para aceitar o dom oferecido, mas parece estúpido rejeitá-lo pelo simples facto de não se compreender.

Apresento-vos um certo número de casos que foram tratados pelo controlo de um médium curador notável, o Sr. George Chapman. O controlo é o Dr. William Lang, outrora cirurgião oftálmico do Middlesex Hospital e da Escola de Medicina, onde foi nomeado em 1880, e cirurgião oftálmico do famoso Moorfields Eye Hospital, onde foi nomeado em 1884. Foi um dos fundadores da Ophthalmic Society. Deixou esta vida a 13 de julho de 1937, com 84 anos. Foi um brilhante cirurgião ocular e pioneiro no seu campo da cirurgia e da medicina. Agora realiza uma cirurgia e uma medicina ainda mais brilhantes através do seu instrumento, George Chapman.

Na verdade, tinha sido minha intenção apresentar-vos casos curados por quatro curadores bem conhecidos e, para tal, escrevi-lhes pedindo relatórios escritos de casos de pacientes. Escrevi a essas pessoas, mas por uma razão ou outra, nada de valor me foi enviado. Assim, tive de me apoiar inteiramente no meu amigo — e ele é um amigo — o Dr. William Lang, para fornecer opiniões e testemunhos de um conjunto de pessoas que receberam cura através dele.

Ao tempo em que escrevo, deveis compreender que estas pessoas eram completos estranhos para mim, e que as informações necessárias surgiram pelo facto de, a pedido do Dr. Lang, elas próprias me terem escrito.

Tive, portanto, de abandonar a ideia original de apresentar casos de pessoas tratadas por diferentes curadores, e decidi em vez disso apresentar as opiniões de várias pessoas tratadas pelo Dr. Lang. Este plano agradou-me mais do que o inicial, já que existem muitas publicações que apresentam histórias clínicas de pacientes curados com sucesso por curadores.

Sempre me impressionou, ao ler alguns desses livros, como uma história clínica impessoal parecia perder a sua realidade e significado, reduzida a um conjunto de frases secas. A menos que alguém tenha sido curado pessoalmente, ou conhecido alguém que estivesse doente e tenha sido curado por cura espiritual, não poderá captar o verdadeiro sentido e realidade desse conceito apenas pela leitura de relatos, por mais maravilhosos que alguns casos possam ser, ou por mais espantosas que sejam as curas conseguidas. É como ler livros de viagem a descrever os quase indescritíveis Himalaias. Por mais bem escritos que sejam, a

verdadeira perceção dessas montanhas magníficas e do impacto que produzem no indivíduo só pode ser adquirida pela experiência direta. É preciso vê-los com os próprios olhos, sentir o impacto na visão e no espírito. A fotografia ajuda, mas não recria o impacto vivo e essencial, por mais vívida que seja a imaginação de quem olha as imagens.

Tenho diante de mim várias cartas de pessoas que receberam cura do Dr. Lang. A primeira que recebi foi de uma enfermeira registada de Aylesbury, tratada de uma afeção abdominal bastante séria. O tratamento foi bem-sucedido, e ela diz que gostaria de ver a profissão médica a trabalhar com pessoas como o Dr. Lang, pois, além da sua própria cura, testemunhou curas maravilhosas em amigos e familiares do seu círculo, realizadas por ele.

A segunda carta veio de uma ex-enfermeira-chefe de Beaconsfield, cujo marido foi tratado pelo Dr. Lang. Este homem sofrera uma hérnia discal e passara mais de um mês no hospital em tração, o que parecia ter resolvido a situação razoavelmente. Mas, ao regressar ao trabalho, ao fim de oito semanas, deslocou novamente o disco intervertebral e ficou em grande sofrimento. Tinham ouvido falar apenas recentemente de George Chapman, e a senhora conseguiu levar o marido, ainda em grande dor, até Aylesbury. Nas suas próprias palavras: “O Dr. Lang realizou a sua operação espiritual, e o meu marido saiu de lá sem dor. Regressou ao trabalho no dia seguinte, e desde então não sentiu qualquer incómodo.”

Isto aconteceu há já vários meses. Concluindo a sua carta, escreve: “Durante muitos anos trabalhei em hospitais e lares de convalescença, e devo confessar que esta forma de Cura Espiritual abriu-me os olhos para algo mais elevado do que alguma vez sonhei possível.” Este casal, muito respeitável, está prestes a partir para a Austrália, e compreendo que se tornarão eles próprios conhecidos no mundo da Cura Espiritual.

A terceira carta, também de Aylesbury, é de uma senhora que afirmou ter sido durante quatro anos secretária de um Professor de Medicina e, durante dois, secretária de um Cirurgião Ortopedista. Escreve: “Pela minha própria experiência e pela ajuda que o Dr. Lang prestou a vários amigos e à minha própria mãe, não tenho a mínima dúvida de que está a ser feita uma grande obra.”

Acrescenta ainda a seguinte observação interessante: “Desde que entrei em contacto com o Dr. Lang, formei a opinião de que, quando um paciente deposita total confiança no seu médico terreno, está ao mesmo

tempo a colocar a sua fé numa força superior, que, creio eu, guia e auxilia em geral, e que auxiliará ainda mais quando houver aceitação plena da Cura Espiritual.” Penso que esta é uma observação muito sábia — e muito verdadeira.

A carta seguinte que recebi foi de uma senhora que vive perto de Birmingham. As suas convicções são tão fortes que quis tornar público o seu nome, e faço-o a seu pedido. Trata-se da Sra. Grace Fletcher, cujo caso é muito interessante. Durante sete anos sofreu de cálculos renais, vivendo em dor quase contínua, com crises de cólica, vómitos e o grande desconforto da passagem das pedras. Durante essas crises, era-lhe necessário receber injeções regulares de morfina.

Foi, naturalmente, completamente examinada no hospital. Decidiu-se eventualmente que poderia existir um tumor na glândula paratiróide, que estaria a alterar a produção e a distribuição do cálcio no corpo, levando à cristalização de cálcio nos rins, formando pedras. O resultado de uma operação era visto com dúvida pelo cirurgião e pelos médicos responsáveis pelo diagnóstico, mas se o mau funcionamento da paratiróide não fosse corrigido, o excesso de cálcio afetaria todo o corpo — pulmões, peito, estrutura óssea, etc. — com consequências fatais evidentes.

A senhora decidiu não se submeter à operação proposta que, caso falhasse, baseada num diagnóstico apenas hipotético, traria, nas palavras do cirurgião, mais complicações.

Resolveu então recorrer a uma amiga sua, curadora, e recebeu tratamento. Teve altos e baixos, mas manteve fé absoluta na Cura Espiritual.

Em outubro de 1956 teve o seu primeiro encontro com o Dr. Lang. Recebeu vários tratamentos e “operações” dele. Para a citar textualmente: “Sinto-me bem e confiante, e não tenho receios quanto ao futuro. Como gostaria de poder fazer mais para que outros sentissem esta alegria.”

Referiu também uma amiga inválida, que durante dez anos não conseguiu andar sem duas bengalas. Após três tratamentos recebidos até à data do Dr. Lang, já consegue manter-se de pé sem apoio durante algum tempo; ainda se encontra em tratamento. Há mais alguns casos que ela mencionou, mas confio que a boa senhora me perdoará não me alongar sobre eles, pois o espaço não o permite.

A Sra. Fletcher é uma alma corajosa e nobre, e mostra-se mais do que disposta a confirmar o seu caso perante quem queira investigá-lo.

Quero que compreendam que todas estas pessoas eram completos estranhos para mim — e eu para elas. Podem imaginar a dificuldade e o embaraço de escrever sobre tais assuntos a alguém sobre quem nada se sabe, absolutamente nada. Elas escreveram a pedido do Dr. Lang, que lhes deu o meu nome e endereço, e escreveram, talvez algumas delas contra a inclinação natural da cautela, porque estavam profundamente gratas ao Dr. Lang.

Há ainda outra carta, de um cavalheiro que também teve a amabilidade de me permitir revelar o seu nome, o Sr. C. W.

Sharp, de Aylesbury. Sofria de uma afecção cutânea extremamente irritante e desagradável, que lhe causava muito desconforto dia e noite. Recebeu tratamento médico de abril a novembro de 1956, estando sob tratamento contínuo durante todo esse período, infelizmente sem grande melhoria.

Visitou George Chapman a 9 de novembro de 1956 e recebeu tratamento do Dr. Lang.
Desde então recebeu cura quase todas as semanas, até à data em que me escreveu, a 20 de fevereiro de 1957, e afirma que a sua pele está praticamente normal, exceto na zona dos pulsos, onde o Dr. Lang ainda está a intervir. Declara — e cito: “Tenho total fé na cura espiritual do Dr. Lang e, não fosse ele, a minha pele continuaria no estado terrível em que estava no início.”

Deveis compreender que estes guias de cura, como o Dr. Lang, desejam ardentemente trabalhar em conjunto com a profissão médica. Esse é o seu maior anseio.

Há ocasiões em que o Dr. Lang aconselha os pacientes a submeterem-se ao que ele chama “uma operação terrena”. Isso porque sabe que é o meio necessário para alcançar o resultado pretendido, quando o tempo é um fator determinante.

O último caso que gostaria de mencionar é, a meu ver, um dos mais marcantes e impressionantes tratamentos e curas que o Dr. Lang conseguiu. Talvez porque a paciente era uma menina de apenas três anos, para a qual havia pouca ou nenhuma esperança de futuro através dos tratamentos médicos ou cirúrgicos conhecidos.

O pai teve a amabilidade de escrever o caso, sobre o qual, sendo um homem de negócios meticuloso e organizado, manteve um registo bastante preciso. Transcrevo os detalhes tal como os recebi:

“No início de fevereiro de 1955, a criança urinou sangue. O médico de família marcou uma consulta num hospital em Oxford, onde foi vista no final do mesmo mês.

O relatório hospitalar indicou que nada de anormal fora encontrado. No final de abril, voltou a urinar sangue. A 13 de maio a criança foi novamente internada no mesmo hospital para observação. O diagnóstico, após raio X e outros exames, foi de que parecia existir uma obstrução no ureter direito — o tubo que liga o rim direito à bexiga. O rim esquerdo também não parecia funcionar muito bem. A 24 de maio, a criança foi operada para remover a obstrução no rim direito. Recebeu alta a 6 de junho, e os pais foram informados de que seria necessário reoperá-la dentro de três meses, desta vez ao rim esquerdo.

Durante este período, a menina, de nome Lesley, apresentava-se com saúde geral muito fraca e urinava frequentemente com sangue.

A 12 de agosto foi novamente internada e, após exames e observação, o cirurgião responsável declarou que o rim direito estava agora infelizmente em pior estado do que antes da operação.

Deparava-se com o dilema de remover o rim direito, operar o esquerdo para tentar melhorar a sua função, ou deixar a criança sem tratamento, o que, naturalmente, significaria que ficaria progressivamente mais doente até morrer.

Foi finalmente decidido enviar Lesley para um conceituado hospital infantil em Londres, para observação e possível tratamento. Foi levada a Londres a 30 de agosto e, a 2 de setembro, foi novamente operada ao rim direito. Recebeu alta a 19 de setembro, tendo os pais sido informados de que a operação fora bem-sucedida, devendo regressar dentro de três meses para uma operação ao rim esquerdo. Presumivelmente, acreditava-se que a função normal fora restaurada ao rim direito e que uma nova operação devolveria função normal ao rim esquerdo.

Infelizmente, cerca de três semanas após ter regressado a casa, a criança começou a deteriorar-se fisicamente, perdendo peso e tornando-se pálida e muito apática. A 28 de dezembro foi novamente internada em

Londres, onde se constatou que o rim direito não funcionava adequadamente e que a operação, afinal, não fora um sucesso.

Decidiu-se então que o rim direito estava praticamente inútil, mas como o esquerdo também não funcionava bem, não seria sensato operar de novo naquela altura. Recebeu alta a 5 de janeiro, e os pais foram instruídos a voltar dentro de um ano para nova avaliação. Presumo que fosse bastante óbvio que Lesley dificilmente estaria viva um ano depois. Também parecia evidente que a doença tinha origem congénita, uma vez que não fora encontrada causa física para a constrição dos ureteres, sendo que os rins em si aparentavam normalidade estrutural e de aspeto. O prognóstico só podia ser descrito como muito mau — quase desesperado do ponto de vista médico. Lesley, nessa altura, era uma criança doente e assim parecia. A melhor descrição possível era a de que estava a definhar — o que de facto acontecia.

Os pais foram postos em contacto com George Chapman por uma senhora que tinha negócios com o pai e que vinha observando a deterioração da saúde da menina. Sem o conhecimento dos pais, essa senhora falara com o Dr. Lang através de George Chapman e pedira ajuda — cura à distância para a criança — que, segundo os pais, coincidiu com uma ligeira mas nítida melhoria na sua saúde. Esta boa senhora então contou aos pais o que fizera e aconselhou-os a marcar uma consulta de “cura de contacto” com o Dr. Lang. Assim fizeram, e, após três a quatro semanas, a condição da criança estava grandemente melhorada.

O Dr. Lang continuou a ver Lesley uma vez por mês durante todo o ano de 1956, e a 10 de dezembro, quando regressou ao hospital de Londres para o exame programado, foi constatado que o rim direito começava a funcionar e que o rim esquerdo funcionava praticamente de forma normal.

O Dr. Lang continua a tratar a criança e declarou que ficará completamente normal neste ano de 1957.”

Pela minha própria experiência e pela observação dos seus casos, não há dúvida de que assim será. Se ele afirma que pode alcançar uma cura, a cura é conseguida. Não promete isto indiscriminadamente, mas, quando promete, o resultado é seguro, desde que o paciente continue o tratamento pelo tempo que for necessário.

Qual é a resposta para este e outros casos quando se discute com a mente médica ortodoxa? Ouvem-se sempre as mesmas expressões:

“remissão natural dos sintomas”, “estas coisas por vezes acontecem” e, ocasionalmente, uma resposta honesta: “não sei — mas por vezes acontecem milagres”. Sim, os milagres por vezes acontecem — de facto, estão constantemente a acontecer, a cada hora do dia: o milagre do nascimento, da natureza, da existência de toda a matéria viva, das plantas aos seres humanos. O universo inteiro é um milagre grandioso, se pararmos para pensar.

O problema principal é que relativamente poucas pessoas conseguem erguer-se acima da rotina material diária para se deter e pensar. É muito mais cómodo deixar uns poucos “pensadores pagos” fazê-lo por elas. Afinal, são especialistas, e isso significa que não podem estar errados no seu campo e que conhecem todas, simplesmente todas as respostas. Se acreditarem realmente nisso, então serão como as virgens insensatas da parábola bíblica.

E porque haveriam de acreditar no que escrevo? Não precisam. Em tempos acreditava-se que o sol girava em torno da terra — não há assim tanto tempo. Os sábios e eruditos acreditavam nisso, salvo uns poucos. Contudo, a terra continuou a girar em torno do sol, quaisquer que fossem as crenças dos eruditos da época. Uma crença ou descrença é algo pessoal. Não altera a verdade fundamental. E convém lembrar que muitas “verdades” científicas aceites no passado estão hoje a ser desmentidas.

Quando o homem primitivo descobriu o fogo e o seu uso, sentiu-se tão importante quanto o homem do século XX ao descobrir o átomo e os seus usos e abusos. Não caiam no erro de pensar que já sabemos tudo sobre tudo. O homem da Idade da Pedra não foi tão tolo para acreditar nisso, e seria incrível que, tendo subido apenas alguns degraus na escada da evolução, pensássemos ter já chegado ao topo.

CAPÍTULO IV

O Dr. Lang ditou este capítulo sobre operações espirituais, que transcrevo tão fielmente quanto possível, admitindo os erros humanos de tomar ditado à mão. Ele afirma:

Para que a natureza destas operações seja melhor compreendida, sobretudo pelos que se aproximam agora desta forma de cura, pareceu sensato oferecer uma breve explicação dos princípios que as tornam possíveis e eficazes.

Devemos primeiro compreender que, contrariamente ao que geralmente acreditamos, cada um de nós possui pelo menos dois corpos, em vez de apenas um.

Estes corpos são conhecidos, na Cura Espiritual, como:

O Corpo Espiritual, e

O Corpo Físico.

O corpo físico é aquele que todos bem conhecemos e, quando este apresenta certas desordens, o médico envia-nos para o hospital, onde um cirurgião realiza uma operação nesse corpo. Por meio de incisões na carne, procura alcançar a origem da queixa e, depois, trata a parte afetada da nossa anatomia do modo que a sua formação e experiência lhe ensinaram.

Como sabemos, estas operações causam geralmente grande preocupação e ansiedade ao paciente e aos familiares, e, após a operação, um considerável período de tempo é gasto na recuperação da saúde normal. Muitas vezes, depois de tais operações, permanece uma certa dúvida quanto a se a intervenção foi realmente bem-sucedida e se foi de facto executada com perícia.

Através da cura espiritual, muita da preocupação, ansiedade, dor e choque, juntamente com a prolongada convalescença, podem ser eliminados. Os médicos espirituais dirigem a sua atenção ao corpo espiritual, não ao corpo físico. O corpo espiritual é ligeiramente maior do que o corpo físico, mas contém órgãos semelhantes e todas as características do seu equivalente físico. Contém até um fluido espiritual, de cor pálida, que flui do coração através de um sistema circulatório semelhante ao do corpo físico.

Portanto, para se estar em bom estado de saúde, ambos os corpos devem funcionar em completa harmonia entre si. A doença física denota um estado de desarmonia em algum ponto desses corpos, e a doença persistirá até que a harmonia seja restaurada. A Cura Espiritual reconhece uma relação positiva entre os corpos que mencionámos, na medida em que o abuso do corpo físico pode causar dano ao corpo espiritual, e uma operação realizada no corpo espiritual pode ter exatamente o mesmo efeito que uma operação semelhante feita por médicos terrenos no corpo físico. Assim, se qualquer parte do corpo espiritual é tratada ou operada, o seu correspondente físico será afetado de forma semelhante.

Embora o corpo espiritual não possa ser visto pelos olhos da maioria das pessoas (pode ser visto por médiuns clarividentes de primeira ordem — S.G.M.), ele existe, no entanto, como parte muito importante do nosso ser. Foi-nos dito, pelo Espírito, que possui uma textura definida, sendo, porém, muito mais fina e delicadamente feita do que o corpo físico. É concebido desta forma para servir o seu propósito último no reino para o qual passaremos depois desta vida terrena.

No mundo espiritual, dizem-nos, a vibração é muito mais elevada e rápida do que a existente na Terra. Aqui, as vibrações são mais lentas e pesadas, e os nossos corpos físicos — que apenas nos servem nesta curta vida terrena — são construídos para resistir às condições que rodeiam a nossa existência diária. Os nossos corpos espirituais, no mundo espiritual, parecer-nos-ão tão sólidos quanto os corpos físicos que deixamos ao sair deste plano de existência. Na verdade, não somos nós os “fantasmas” — sois vós!

Quando um médico espiritual ou guia curador diz a um paciente que vai “operar”, refere-se apenas a uma operação sobre o corpo espiritual. Para a realizar, o médico ou guia eleva ligeiramente o corpo espiritual para fora do corpo físico. Uma operação espiritual deixa uma cicatriz visível no corpo espiritual, que permanece permanentemente e pode ser vista por qualquer guia de cura que observe o paciente.

O efeito destas operações não é necessariamente imediato e pode não ser sentido pelo corpo físico durante dias ou mesmo semanas (no meu próprio caso, após a operação espiritual à minha cabeça, não senti alteração durante seis meses — S.G.M.). O paciente comum submete-se a uma operação espiritual num estado mental perfeitamente normal, sem a tensão e ansiedade que uma operação física provoca, e o tremendo choque ao organismo é completamente evitado.

Cheguei agora ao fim da palestra do Dr. Lang.

A pergunta óbvia que se colocará é: serão as operações espirituais sempre bem-sucedidas? Respondo: não! — não mais do que as operações comuns nesta fase de existência. As razões, contudo, são muito mais profundas e obscuras do que as invocadas para o fracasso das operações terrenas.

Estive presente em muitas operações em hospitais em que, como exercício técnico, a operação foi completamente bem-sucedida — mas o

paciente morreu, por uma razão ou outra. Em alguns casos a verdadeira causa da morte nunca chegou a ser plenamente estabelecida.

Basta dizer, no entanto, que a maioria dos casos que chegam aos curadores são aqueles que pouco ou nenhum benefício tiveram da medicina e cirurgia ortodoxas, e muitos encontram-se já em estado avançado. Ainda assim, eu próprio conheço vários doentes com cancro, dados como casos desesperados sem esperança de cura, que recuperaram e voltaram a uma saúde normal após cura espiritual.

Os propósitos das operações espirituais são muitos, mas, em termos gerais, pode-se dizer que se destinam a efetuar a cura em princípios semelhantes às operações realizadas por cirurgiões terrenos. Mesmo quando a cura espiritual não salva um paciente gravemente doente, posso afirmar sem hesitação que o ajudou tremendamente e facilitou em muito a sua passagem para o nível seguinte de existência.

O contacto com poderes superiores aos que caminham neste nosso mundo tem um efeito enorme no espírito humano. Fala-se de “mente sobre a matéria” sem talvez compreender plenamente o sentido dessas palavras. Na realidade, significa o espiritual sobre o físico, a mente superior do homem — que os sábios budistas e hindus chamam o *Eu Superior*, e os seguidores de Cristo chamam a Alma. Não se trata do nível inferior da mente consciente ou subconsciente, mas sim do superconsciente.

Nós, do mundo ocidental, sabemos muito pouco dos segredos do átomo. Sabemos ainda menos da mente por detrás das experiências atómicas.

Lembrai-vos também de que o testamento cristão ensina que a alma do homem é imortal. Esse facto é igualmente ensinado por todas as outras grandes religiões do mundo. Filósofos como Platão ensinaram-no antes do nascimento de Cristo. Gautama Buda ensinou-o, e Jesus explicou-o. Verdadeiros grandes cientistas como Crookes e Einstein estavam bem conscientes disso.

Podemos não ser todos super-homens, mas não devemos deixar-nos cegar pela ciência neste mundo, onde as ciências em todos os ramos ainda estão, de facto, na infância. Eu, por mim, não consigo prostrar-me em deslumbramento e veneração perante um cérebro eletrónico capaz de calcular o meu imposto sobre o rendimento em um décimo do tempo normalmente necessário. No fim de contas, acharia o Inspetor de Impostos mais humano. Pelo menos é um homem como os outros, e tem realmente uma alma.

Há pomposidade egocêntrica em excesso neste mundo de hoje — e, seja pomposidade científica, religiosa e teológica, ou filosófica, tudo isso provoca em nós ou vontade de rebentar em gargalhadas ou de vomitar violentamente.

O poeta e o artista ocupam segundo plano no mundo ocidental — bem atrás, muito atrás — da estrela de cinema e do homem que voa mais depressa pela estratosfera numa máquina.

O julgamento da grandeza dos indivíduos parece basear-se em grande medida no tamanho das suas contas bancárias. Eu sugeriria que se estabelecesse um tipo diferente de balanço: um equilíbrio entre o material e o espiritual, essencial para que este nosso mundo continue a existir.

CAPÍTULO FINAL

O Dr. Lang é uma pessoa com personalidade distinta. Tem, segundo as suas próprias palavras, gostos e aversões.

Aparentemente, um dos seus grandes gostos em vida eram os bolinhos de peixe, como me disse. Verifiquei este facto aparentemente trivial — e era verdade. Tinha uma forte apreciação por bolinhos de peixe. A minha capacidade de descobrir isto deveu-se puramente à sorte, pois a informação veio de alguém que costumava cozinhá-los. Se ainda deseja os seus bolinhos de peixe, não o disse, pois não lhe perguntei. Hei de fazê-lo quando tiver oportunidade!

Os seus sentimentos relativamente à profissão médica são muito fortes. Criticou severamente aquilo a que chama a mentalidade fechada da profissão, e o medo que nela existe contra qualquer forma de reconhecimento de que não são os únicos que podem curar. Repudiam (embora, claro, existam mais exceções do que conhecemos) a cura espiritual, e os que a reconhecem e nela acreditam têm de proceder com cautela, não vá o seu sustento ser-lhes retirado pela entidade que os regula.

O Dr. Lang tinha em vida — e continua a ter — um sentido de humor tranquilo e gentil. Era muito estimado pelos estudantes de medicina que passaram sob a sua orientação no Departamento de Oftalmologia do Middlesex Hospital. Sem dúvida existem hoje vários médicos, que foram então estudantes no Middlesex, que ficariam espantados e provavelmente contentes por poderem conversar novamente com William

Lang. Sei de um que já o fez. Se por acaso algum dos seus antigos alunos ler ou ouvir falar deste livro, não duvido de que se poderá marcar uma sessão com George Chapman, se tiverem verdadeiro interesse.

Nascido em Exeter e tendo completado a sua formação em Zurique, o Dr. Lang tinha, nesta vida terrena, duas grandes paixões para além do trabalho: a música e a boa literatura. O seu charme natural é-me bastante evidente e, na sua vida aqui, deve ter sido o epítome do distinto cirurgião de Harley Street. Certamente alcançou grande sucesso na sua carreira, tanto do ponto de vista académico como financeiro. Chegou ao topo na sua especialidade de oftalmologia e, no seu tempo, foi uma das maiores autoridades do país em doenças dos olhos. Mas o que foi capaz de realizar então empalidece perante o que pode e efetivamente realiza agora, no tratamento de todos os males a que o corpo e a mente estão sujeitos.

Há um facto que deveis ter muito claro em mente: toda a cura vem de Deus — o Grande Espírito Branco, como lhe chamavam os índios norte-americanos —, e é a Deus que todo o mérito final é devido. Lembrai-vos bem disso.

Se, porventura, pareci pomposo (espero sinceramente que não!) ou vos dei a ideia de que “sou mais santo do que vós, ou mais sábio do que vós”, devo pedir desculpa, pois não foi intencional. Só posso dizer: “Não sou maior tolo do que vós, nem maior velhaco.” Não possuo as chaves do Reino dos Céus — quem me dera possuí-las. Sou apenas um homem, e tenho os meus gostos e desgostos, tal como o Dr. Lang. Tenho também as minhas crenças. São minhas, e manterei sempre essas crenças — agora e por toda a eternidade. Adeus, e que Deus esteja convosco.

Após a conclusão deste livro e o envio das provas à tipografia, o Secretário da Lang Publishing Company recebeu uma carta pessoal do autor, que terminava com o seguinte comentário sobre a obra:

“Fosse ela dez mil vezes melhor do que é — e poderia muito bem sê-lo — não poderia ainda assim revelar metade do que é, nem fazer verdadeira justiça ao que é.”